

Fabiola Salles Mariano – *Ciclos e Pulsos*

EXPOSIÇÃO NA GALERIA CONCRETA - 2012

Texto de Raquel Garbelotti

Na exposição *Ciclos e Pulsos* na Galeria Concreta Fabíola Salles Mariano apresentará dois ciclos de trabalhos: *verde* e *cinza-cor-de-pele*.

*Cinza-cor-de-pele* não é uma cor, mas uma sensação mais próxima do tátil-visual, como descrito pela artista. *Deste*, faz parte *Cartografia*, trabalho em que Salles Mariano filma pequenas repetições de seus movimentos cotidianos e/ou de outras pessoas; passantes da rua por exemplo. Esses movimentos cotidianos as vezes são memória de movimentos que viu ou que fez. Se a *imagem-movimento* (ação) depende do desencadeamento *sensório-motor* das imagens (Deleuze), a repetição do gesto ínfimo ou a imagem quase sem narrativa cobraria outro fim para um evento, talvez aquele que escape à forma e ao tempo dos acontecimentos. Assim como no filme *O Ano Passado em Marienbad* de Alain Resnais, o filme-performance de Salles, aproxima tempos e espaços distintos pela repetição do mesmo gesto. Como se fosse um mesmo plano sequência, colado à memória do gesto anterior. Neste filme-performance, a luz do ateliê muda, os dias passam, mas os gestos estão em continuidade, são um estado, um tempo, um pulso, da artista.

Outro trabalho apresentado na Galeria CONCRETA ainda no ciclo *cinza-cor-de-pele*, é *Respiro* realizado em colaboração com o artista Marcos Kaiser Mori. Este é uma caixa que remete a um *estereoscópio* (objeto de ver imagens do pré-cinema em que duas fotografias, ou dois tempos de uma mesma imagem eram apresentadas em separado neste dispositivo, que pelo olhar do espectador através da lente deste objeto formava uma imagem em tridimensão). Na caixa da artista não ocorrem imagens; em seu interior a tela simplesmente acende e apaga, no tempo que um corpo faz os movimentos de inspiração e expiração. A caixa carrega a ideia da sala de teatro ou cinema, que ilumina-se antes e depois da cena ou filme, antes e depois das imagens na tela ou no palco. O escuro que precede e antecede as imagens em salas de cinema, é portanto trazido como imagem neste trabalho, como os tempos da espera do começo e do término do filme, tempos ou hiatos entre acontecimentos, entreatos de uma cena ou espetáculo que constituem um lugar de pausa.

Em seu vídeo *xícara de café, copo d'água, maçã e mosca*, Salles Mariano “pinta” a mesa posta. Objetos cotidianos que diante da câmera, por sua ação mínima com o lápis de cor, tornam-se imagem. Estes por sua vez, aparecem na cena como uma imagem de natureza morta. Não sabemos, se o que está diante de nós é uma fotografia sendo constantemente retocada pelo lápis, ou se ela desenha no espaço vazio entre os objetos reais. Uma mosca, no entanto, atrapalha a tarefa de insistência na imagem de Salles, propondo a retomada para o espaço tridimensional dos objetos filmados.

Finalmente apresenta o *ciclo verde*. No filme *Ilusão no. 6 O Peixe insolúvel*, a artista atua com uma persona, Solange. Mais narrativo e fabular do que os outros trabalhos, este filme apresenta também um trecho da documentação de uma performance aérea realizada na Virada Cultural em São Paulo. Um instante fugaz de uma imagem espetacular, em que a personagem parece de fato caminhar no ar.

O que promove uma leitura comum entre os vídeos, é a produção de espaços invisíveis a nós que são apresentados pela artista por seus movimentos geralmente delicados e pequenos. Estes espaços, no entanto, estão no plano da imagem porque são pensados como extensões daquilo que é filmado. Mesmo no objeto *Respiro*, é possível pensar que o mesmo funciona como imagem de um lugar construído para a espera, portanto um espaço sempre a se constituir.

Os movimentos ou gestos que a artista realiza no filme *Cartografia*, por exemplo, são também a sucessão de espaços vividos e memorizados pela artista. Como o próprio título indica, trata-se da construção da escrita de mapas, e mesmo sendo estes lugares de memória, são por fim desenhados pela artista como performance orientada para o vídeo, o que media o território das visibilidades. Como dito por Salles Mariano, o trabalho surge através de um comando que baliza suas ações: *“Realizar e registrar todos os dias, durante nove meses, um gesto. Fosse ele ativado por uma sensação interna ou pela observação de um gesto de um pedestre na rua”*, mas é no território do vídeo, e em suas possibilidades de montagem, que podemos visualizar esta cartografia dos movimentos em continuidade e descontinuidade.

Salles Mariano para a exposição na Galeria CONCRETA, apresentará também pinturas que se relacionam de forma direta, mas não óbvia com as ações orientadas para o vídeo. Do ciclo *cinza-cor-de-pele* serão mostradas as pinturas feitas com aerógrafo de boca (um instrumento antigo e talvez precário de produção de imagem por meio do sopro), e as pinturas *Temperança*, que para Fabíola, dizem respeito aos limites - o dentro e fora. Relacionada ao *ciclo verde*, a pintura *Sem Título* traz também certa narrativa, a figuração de uma mata. Para a artista: *“a pintura é como um exercício cotidiano sensível e de pequenos gestos, é uma forma também de entender o corpo performer nas artes visuais”*.